

“IDEOLOGIA DE GÊNERO”:

ANALISE DE UM DISCURSO CONSERVADOR

Amanda Leal Castelo Branco (UENF)

amandalealcb@gmail.com

Daiana Ataíde da Silva (UENF)

daianaataide14@gmail.com

Shirlena Campos de Souza Amaral (UENF)

shirlenaca@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho está respaldado por um arcabouço teórico que busca desnaturalizar os discursos construídos a respeito do que é ser masculino e feminino. Constantina Xavier Filha, professora da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e estudiosa do assunto, afirma que gênero é uma categoria política e analítica. É a construção sociocultural de masculinidades e feminilidades a partir das diferenças biológicas. Gênero é uma ferramenta de estranhamento das desigualdades das identidades sexuais. Todavia, na reportagem intitulada “Bolsonaro diz que vai proibir ideologia de gênero nas escolas”, publicada no jornal online Correio Brasiliense em 03/09/2019, esse conceito é desvirtuado e denominado ideologia de gênero. Essa reportagem foi objeto dessa análise do discurso que objetivou evidenciar a construção ideológica presente na fala do presidente. Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da República Federativa do Brasil pelo Partido Social Liberal (PSL) em 28/10/2018 após uma campanha eleitoral pautada pelo conservadorismo e por uma declarada oposição às questões de diversidade social. Na reportagem analisada a postagem do presidente evidencia um conservadorismo e ao mesmo tempo, um desconhecimento em relação ao que venha a ser gênero, um conceito amplamente estudado por intelectuais nacionais e internacionais que não reconhecem o termo “ideologia de gênero”, expressão utilizada por grupos conservadores para criticar os estudos que defendem que, embora os sexos (masculino e feminino) sejam condições biológicas, dadas no nascimento, os papéis sociais desenhados por homens e mulheres são (re) definidos no âmbito da cultura.

Palavras-chave:

Gênero. Ideologia conservadora. “Ideologia de Gênero”.

RESUMEN

Este trabajo está respaldado por un marco teórico que busca desnaturalizar los discursos construidos sobre lo que es ser masculino y femenino. Constantina Xavier Daughter, profesora de la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT) y estudiosa de la asignatura, afirma que el género es una categoría política y analítica. Es la construcción sociocultural de masculinidades y feminidades a partir de diferencias biológicas. El género es una herramienta de la extrañeza de las desigualdades de las identidades sexuales. Sin embargo, en el informe titulado “Bolsonaro dice que prohibirá la ideología de género en las escuelas”, publicado en el periódico en línea Correio Brasiliense el 03/09/2019, este concepto está distorsionado y se llama ideología de género.

Este informe fue el objeto de este análisis del discurso que tuvo como objetivo resaltar la construcción ideológica presente en el discurso del presidente. Jair Messias Bolsonaro fue elegido presidente de la República Federativa de Brasil por el Partido Social Liberal (PSL) el 28/10/2018 tras una campaña electoral basada en el conservadurismo y la oposición abierta a los problemas de la diversidad social. En el artículo analizado, la publicación del presidente muestra un conservadurismo y, al mismo tiempo, una falta de conocimiento sobre qué es el género, un concepto ampliamente estudiado por intelectuales nacionales e internacionales que no reconocen el término “ideología de género”, una expresión utilizada por los grupos conservadores para criticar los estudios que sostienen que si bien los sexos (masculino y femenino) son condiciones biológicas dadas al nacer, los roles sociales que desempeñan hombres y mujeres se (re)definen dentro del alcance de la cultura.

Palabras clave:

Género. Ideología conservadora. “Ideología de género”.

1. Introdução

Gênero é um termo que se popularizou na década de 1990, mas ainda hoje uma boa parte da sociedade brasileira não tem clareza quanto à sua definição e ao uso social.

O termo gênero surgiu por meio movimentos sociais organizados pelos grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), para a luta por seus direitos. A discussão de gênero também tem importância fundamental nos movimentos feministas que compreendeu a conquista aos direitos políticos e educacionais das mulheres (SCOTT, 1995).

De acordo com Musskopf (2008 *apud* LEAL *et al.*, 2017) gênero é definido a partir de questões sociais e possibilita a compreensão da diferenciação social entre as pessoas. É a partir de padrões históricos e culturais que definimos comportamento de mulheres e de homens. Assim, gênero é um termo utilizado para afirmar e que os papéis de homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

De acordo com Leal *et al.* (2017), o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social.

Para Xavier Filha (2014) gênero é uma categoria política e analítica. É a construção sociocultural de masculinidades e feminilidades a partir das diferenças biológicas. Gênero é uma ferramenta de estranhamento das desigualdades e nos oferece outra forma de compreensão do

corpo, da sexualidade e das identidades sexuais. Assim sendo,

Assim, gênero é um conceito cuja compreensão fica mais clara quando associamos a três outros: corpo, sexo e sexualidade. “O corpo resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, geracionais, entre outros” (SOUZA; CAMARGO, 2011).

A partir da desnaturalização do corpo e do “ser” masculino e feminino, a sexualidade deixa de ser algo “dado”, “acabado” e “natural” e passa a ser compreendida como uma prática envolta por rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções. A sexualidade, afirma Foucault (1988 *apud* LOURO, 1999), é um “dispositivo histórico”, ou seja, é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo.

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 1999, p. 48).

Ora, compreender as questões de gênero e de sexualidade a partir do ponto de vista das construções culturais e sociais permite à sociedade de um modo geral, e à escola em particular, contribuir para a solução de grandes problemáticas como a violência contra a mulher, as novas configurações familiares, as novas conjugalidades e, sobretudo, questionar, refletir e desmistificar a heteronormatividade, responsável pela discriminação, pelo preconceito e pela violência contra sujeitos que possuem identidades sexuais diferentes da heterossexual.

Se, por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2008, p. 21)

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é empreender uma análise do discurso da postagem feita no *twitter* do presidente Jair Messias Bolsonaro e publicada no jornal online Correio Brasiliense em

03/09/2019 com a reportagem intitulada “Bolsonaro diz que vai proibir ideologia de gênero nas escolas”.

2. “Ideologia de gênero”: análise de um discurso conservador

No presente trabalho, embasamo-nos na análise do discurso (AD) advindo da escola francesa, estruturada por Michel Pêcheux a partir do final da década de sessenta na França. Na AD, o dizer do sujeito é determinado sempre por outros dizeres, todo discurso é determinado pelo interdiscurso, ou seja, o discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. (CITAR) Vânia Maria Lescano Guerra.

O discurso, por sua vez, é toda atividade comunicativa entre interlocutores. É uma atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes. O falante/ouvinte ou o escritor/leitor são sujeitos situados em um tempo histórico, em um espaço geográfico e pertencem a uma comunidade. Para Pêcheux (1990), o discurso é uma forma de materialização ideológica, como identificaram os marxistas em outras instâncias sociais. O sujeito é um depósito de ideologia, sem vontade própria, e a língua é um processo que perpassa as diversas esferas da sociedade.

Assim, o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não se trata tão somente da língua, mas o que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas (MELO, 2009).

Como afirma Brandão (2009), os discursos, que nunca são neutros, carregam a ideologia do grupo ao qual pertencem.

Um conceito fundamental para a análise do discurso é o de condições de produção, entendido como “o conjunto dos elementos que cerca a produção de um discurso, são eles: “o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando” (BRANDÃO, 2009, p. 8).

Assim, Brandão (2009) destaca outro elemento fundamental da análise do discurso: a formação ideológica ou “o conjunto de atitudes e representações ou imagens que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta”. (BRANDÃO, 2009, p. 10)

Por fim, partindo do princípio que a análise do discurso trabalha com o sentido e que o discurso é heterogêneo é marcado pela história e pela ideologia, a análise do discurso entende que não irá descobrir nada

novo, apenas fará uma nova interpretação ou uma releitura. Além disso, a análise do discurso apenas evidencia como o discurso funciona e não tem a pretensão de dizer o que é certo, porque isso não está em julgamento (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Em 24 de outubro de 2018, o então candidato a Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, em entrevista à TV Cidade Verde, do Piauí, publicada no portal do G1 afirmou que política de cotas é 'equivocada' e que a política de combate ao preconceito é “coitadismo”.

Jair Messias Bolsonaro nasceu em Campinas, São Paulo, no dia 21 de março de 1955 e é capitão da reserva do Exército. Iniciou sua carreira política em 1988 e foi Vereador e Deputado Federal. Em 2018, Bolsonaro filiou-se ao Partido Social Liberal (PSL) e lançou-se candidato à Presidência da República. Fazendo sua campanha por meio das redes sociais, apostou em um discurso conservador dos costumes, de recuperação da economia e de combate à corrupção e à violência urbana, mobilizou um grande número de admiradores.

As declarações presentes na reportagem analisada nesse trabalho foram dadas justamente nesse contexto de disputa eleitoral do segundo turno das eleições quando derrotou o petista Fernando Haddad no dia 28 de outubro, com 55,13% dos votos.

Quando perguntado a respeito da política de cotas e do racismo no Brasil, Bolsonaro afirmou:

O AGU se manifesta sobre quem compete legislar sobre IDEOLOGIA DE GÊNERO, sendo competência FEDERAL. Determinei ao @MEC_Comunicacao, visando princípio da proteção integral da CRIANÇA, previsto na Constituição, preparar PL que proíba ideologia de gênero no ensino fundamental. (CORREIO BRAZILIENSE, 2019)

A postagem evidencia um conservadorismo e ao mesmo tempo, um desconhecimento em relação ao que venha a ser gênero. A expressão “ideologia de gênero” é utilizada por grupos conservadores para criticar os estudos de gênero.

A ampla disseminação da falsa premissa da “ideologia de gênero” vista como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do “inimigo”, quando o que se pretendia com a “promoção da igualdade [...] de gênero e de orientação sexual” era simplesmente contribuir para “a superação das desigualdades educacionais” (BRASIL, 2012) que comprovadamente existem entre os gêneros, em consonância com as décadas de debates, acordos e

Segundo a falácia da ideologia de gênero a família “tradicional” seria destruída, a pedofilia seria legalizada e a “ordem natural” das relações entre os gêneros, relação heterossexual. A “ideologia de gênero” nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBT comprovadas com dados oficiais e estudos científicos.

Utilizou-se de desonestidade intelectual, formulando argumentos sem fundamentos científicos e replicando-os nas mídias sociais para serem engolidos e regurgitados pelos fiéis acríticos que os aceitam como verdades inquestionáveis. Utilizou-se também de uma espécie de terrorismo moral, atribuindo o status de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual na educação, além de intimidar profissionais de educação com notificações extrajudiciais com ameaça de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar. Utilizou-se de uma ideologia no sentido de uma “crença utilizada para o controle dos comportamentos coletivos”, podendo ser “uma crença totalmente infundada” (REIS; EGGERT, 2017, p. 20).

Assim, observamos que a fala do presidente é um desserviço à população brasileira e reflete uma ideologia conservadora. É importante estarmos atentos, uma vez que o discurso analisado evidencia o descompromisso de Jair Bolsonaro para com as grandes questões sociais que afetam, sobremaneira, as mulheres e os LGBT.

3. Considerações finais

No presente trabalho, analisamos o discurso do então candidato à Presidência da República Jair Messias Bolsonaro, a respeito do racismo e da política de cotas. Observamos que além de assumir uma postura conservadora e pouco comprometida com as causas sociais, Bolsonaro desconhece os fundamentos do racismo no Brasil e da política de cotas.

Nesse trabalho, dialogamos com trabalhos científicos que esclarecem ambos os pontos. Esses trabalhos não deixam dúvidas a respeito da existência do racismo e de seus efeitos na sociedade brasileira além da exclusão de negros e estudantes das camadas populares das universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Analisando o discurso*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009. Disponível em: . Acesso em: 08-2015.

CARAGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. In: *Revista Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, V. 4, n. 6, p. 679-84, out./dez.2006.

CORREIO BRAZILIENSE, Bolsonaro diz que vai proibir ideologia de gênero nas escolas. Correio Braziliense, postado em 03/09/2019. Acesso em: 27/11/2019.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Quilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Revista Pro-Posições*, V. 19, n. 2 (56), Campinas, maio/ago. 2008.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. In: *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 05, n. 11.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram*. 2008. Disponível em: Acesso em: 23 out. 2016.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso – introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990. p. 61-161

REIS, Toni; EGGERT, Eggert. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan.-mar., 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, V. 20, 1995. Disponível em Acesso em: 27 mar 2016.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; CAMARGO, Tatiana Souza de. O corpo no ensino de ciências: serão possíveis outras abordagens? In: SIL-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Biling (Orgs). *Corpos, gêneros, sexualidade e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana: Unipampa, 2011, p. 28-41. Disponível em: <http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/07/Corpos-2011.pdf>. Acesso em: 02-12-2015.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. In: *Revista Educar em Revista*, V. 1, p. 153-69, 2014.